



Centro Acadêmico
Iara Iavelberg

BOCA

Boletim do Centro
Acadêmico

Número 8

Instituto de Psicologia - USP

11 de maio de 2005

A POLÊMICA SOBRE A FUNÇÃO DO BOCA (Considerações sobre a política e a res publica)

Ricardo Silva (Pós - PST)

Como já era de se esperar, meu texto intitulado "Qual a função do BOCA" (nº 6, de 27.04.05), sobre a controvérsia acerca dos textos a serem publicados neste jornal, gerou um levante democrático e de repulsa à "censura" que há muito não se via por aqui. Alguns me enviaram receitas de bolo (que pretendo testar tão logo tenha a oportunidade) e outros apontaram o jornal como o último reduto de liberdade e inclusão. Acusaram-me também de querer censurar todas as manifestações literárias, mesmo aquelas do **camarada Bossi** (poesias de qualidade, críticas, exemplo feliz de que os funcionários pensam o mundo melhor que nós). O melhor do BOCA, pelo o que entendi, **em grandes apologias às frivolidades da vida**, seria a possibilidade de nos expressarmos, de falarmos bobagens. Um lugar onde pudéssemos não pensar, i.e, jogar conversa fora, **como se já não fizessemos isso, o tempo todo, com ou sem o espaço do BOCA**. Coisa muito curiosa: o jornal dos alunos do cursinho Psico-USP é muitíssimo mais interessante e sério que o nosso...

E é exatamente aí que reside toda a absurdidade da coisa. Acreditamos ser perfeitamente natural utilizarmos o financiamento público do Estado para falarmos bobagens. A Universidade Pública e gratuita, que sempre foi entendida como um espaço de reflexão, espaço este cada vez menor na nossa cultura, converte-se agora em **MAIS UM** espaço para debatermos trivialidades. Enquanto isso os contribuintes acreditam piamente que no interior da maior universidade do país, e nem que fosse só dentro dela, os **geniais**

alunos da USP estariam pensando o mundo, elaborando projetos político-sociais, enfim, fazendo aquilo que – por conta da burocratização e da divisão do trabalho, que colocou, infelizmente, de um lado os que só "trabalham" e de outro os que só "pensam" – estão sendo patrocinados para fazerem. **Mas agora, como se pode notar, os que já não trabalham acham exigência demais terem que pensar. Querem patrocínio público para simplesmente "existirem", talvez por pertencerem à casta dos privilegiados...**

O BOCA, caso ainda não se tenha pensado nisso, existe com o **dinheiro público** e é fruto de um **esforço político**. Bem, como os alunos do IP-USP parecem não entender muito dessas coisas, e me acusam de ser **excessivamente acadêmico** (ora, se não pudermos escrever textos acadêmicos em um jornal acadêmico...) tentarei me expressar como se estivesse me dirigindo a alunos de cursinhos pré-vestibulares, que é o que me parece que eles são: **Política é a "arte" e a "ciência" que visa à realização dos fins da comunidade através da ação do Estado e de outros centros de Poder**. Perdoem-me se não consigo ser mais claro ou menos intelectualóide. Mas se alguém ainda achar que fui **obscuro** ou **falei difícil**, escreva-me que talvez eu consiga **desenhar** o conceito.

Pois bem, é nestes termos que penso que o BOCA deveria ser um **veículo de discussão política**, porque como alunos de uma **universidade pública** temos a obrigação de discutir, criticar, supervisionar e coordenar a ação

ÍNDICE

::A polêmica sobre a função do BOCA	Página 1
::Dissertações e teses	Página 2
::Sobre o bom senso	Página 3
::O Bom SenSo	Página 3
::X Interpsico	Página 4
::Fomatura 2001	Página 4
:: O BOCA e os Recursos Públicos: Como Fica Nossa Responsabilidade Social?	Página 5
::Doação de Medula	Página 5
::O Sacrifício da Beleza	Página 6
::Promoção Especial Grátis	Página 7
::Carta aberta ao Beto	Página 8
::Relatório sobre a discussão "O Curso de Psicologia como Desencadador do Sofrimento no Estudante"	Página 10
::A Distopia do Heterossexual	Página 12
::ÉÉÉÉ...(em tom de boa lembrança)	Página 12
::Chamado "BOCA Bixos"	Página 13
::Poética	Página 13
::Perguntas...	Página 14
::Mãe	Página 14
::Sobre a amizade...	Página 14
::Poema	Página 14

**FALTAM 15 DIAS PRO
INTERPSICO**

do Estado **no cumprimento dos fins visados pela nossa comunidade** (e é isso que os contribuintes esperam de nós). O BOCA deveria cumprir exatamente essa função, integrando os alunos em torno de temas urgentes ao fornecer o espaço necessário para a mobilização de nossa ação na cultura. Momentos de idiotia epifânica podemos nos dar ao luxo de obtermos em casa, assistindo TV, em períodos de lazer com aquele primo tolo da família, mas não em um jornal de C.A. **Não estou tentando censurar, cercear ou impedir a estultice de ninguém, afinal, ser otário faz parte dos direitos constitucionais inalienáveis (porém privados) de todo ser humano, o que estou tentando defender é que não façamos uso do dinheiro público para isso.** Lembremo-nos de que a despesa do

BOCA seria suficiente para que oferecêssemos 30 bolsas de estudo parcial (ou 15 integrais) para os alunos do cursinho Psico-USP, o que na minha opinião, caso as coisas continuem como estão, seria muito mais útil.

Quando vemos um deputado utilizar-se de um bem público em proveito próprio (para fins particulares), indignamo-nos. Pois bem, o papel e a tinta que faz o nosso jornal são **bens públicos** que utilizamos (com o dinheiro de nossos impostos mas também com o de muitas outras pessoas) para divulgarmos nossos BLOGS e tolices que são relevantes em nosso mundo privado, **mas absolutamente irrelevantes para a coisa e a causa pública.**

Ora, alunos de classe média como somos, compreende-se o motivo porque achamos perfeitamente natural

utilizarmos-nos dos **bens públicos** em **causas privadas** (apropriação privada da coisa pública), mas eu disse que a questão era compreensível e não justificável. Se um aluno do IP-USP acha que deve publicar trechos com besteiras de seu BLOG ou mostrar-nos sua veia erótico-humorística, que os divulgue em nosso mural ou distribua cópias aos alunos **com o dinheiro de seu próprio bolso**, mas não às custas do **dinheiro público**. Se os alunos do IP-USP estão buscando um espaço de inclusão onde possam fofocar, discutir trivialidades, jogar conversa fora, para isso já inventaram salões de beleza e academias de ginástica. E se alguém insistir em me presentear com **deliciosas receitas de bolo**, que o faça por e-mail.

E-mail:
ricardopsicologiausp@yahoo.com.br

DISSERTAÇÕES E TESES

Colaboração de Islaine (Funcionária do IPUSP)
Enviado por José Israel (01)

CANDIDATA: FABIANA FOLLADOR E AMBROSIO

Título da Dissertação: SER E FAZER ARTE DE PAPEL: UMA OFICINA INCLUSIVA

Orientadora: Professora Associada TÂNIA MARIA JOSÉ AIELLO VAISBERG - Psicologia Clínica - IPUSP

Data Defesa Pública: 13.05.05, às 9h, no Bloco B, Sala 20, do IPUSP

CANDIDATO: FLAVIO LUIZ HIRSCHFELD

Título da Dissertação: UM ESTUDO SOBRE A APRECIÇÃO DO HUMOR E A CRIATIVIDADE: TESTE EMPÍRICO DO MODELO DA LÓGICA DO ABSURDO DE PALMER

Orientadora: Profª Associada EMMA OTTA - Psicologia Experimental - IPUSP

Data Defesa Pública: 17.05.05, às 09:00h Local: Anfiteatro no Bloco 23 do IPUSP

CANDIDATA: CLAUDIA FERNANDA RODRIGUEZ

Título da Dissertação: O QUE OS JOVENS TÊM A DIZER SOBRE A ADOLESCÊNCIA E O TEMA DA MORTE?

Orientadora: Profª Associada MARIA JULIA KOVACS - Psic. Escolar e do Desenvolvimento Humano - IPUSP.

Data Defesa Pública: 17.05.05, às 14h. Local da Defesa: Anfiteatro no Bloco 23, do IPUSP.

CANDIDATO: RICARDO AMARAL REGO

Título da Tese: PSICANÁLISE E BIOLOGIA: UMA DISCUSSÃO DA PULSÃO DE MORTE EM FREUD E REICH

Orientador: Prof. Dr PAULO ALBERTINI - Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano - IPUSP

Data Defesa Pública: 13.05.05, às 08:30h Local: Anfiteatro no Bloco 23 do IPUSP.

Comissão Organizadora do BOCA

Bruno Aquino (05), Dailza Pineda (04), Guilherme Valente (04), Janaína Klinko (05), João Bosco (05), Jonas Boni (02), José Israel Guedes Rodrigues (01), Karina Schmidt (04), Leandro Salebian (05) e Patrícia Ferreira Rabaça (03).

Diagramação: Guilherme Valente (04)

Reprografia: José Carlos de Carvalho e Maria Betânia da C. Grangeiro.

O BOCA publica textos com autoria identificada, recebidos no boca@yahoogrupos.com.br até às 12h do domingo, como anexo da mensagem do seu encaminhamento e no formato MS-Word.doc, observando-se a ordem do recebimento e o limite máximo de 5000 caracteres (inclusive espaços) por texto, quando o número de páginas previsto para a edição impuser a necessidade desse limite. Há mais normas operacionais, tanto para o recebimento de colaboração, quanto para a sua edição, que serão informadas sempre que e haja solicitação específica. A responsabilidade pelas opiniões e informações publicadas é inteiramente dos respectivos autores.

A C. O. do BOCA reúne-se toda terça-feira às 12h00min, à sombra do Ipê em frente da Biblioteca do IP. PARTICIPE!!!

“Você podem notar: as pessoas que achamos de bom senso são geralmente aquelas que pensam igualzinho a nós” (Millor Fernandes).

O artigo publicado pelo Sr. Ricardo Silva no BOCA n. 6 revela, em última instância, apenas o total sincronismo axiomático da formação ideológica do autor com o modelo clássico dos Estados Autoritários. Após uma verbosidade inócua, pretensamente silogística, num pedantismo típico da falsa cultura em voga, o mesmo chega à “grande verdade universal do P”: O BOM SENSO!!! Ou seja, a nada, pois não consigo distanciar a “categoria filosófica” do bom senso, do mero palpite individual, sujeito a todas as idiosincrasias de quem o professa. Isso fica claro, logo adiante, quando o Autor acusa os que não concordam com o seu “bom senso” de terem devaneios míticos e delírios persecutórios.

Ademais, o bom senso do Autor afirma: “Não existe nada mais pernicioso e enganador que essa ausência total de quadros normativos” (grifo nosso), o que me leva a inferir pela lógica ilógica do A. que esses QUADROS NORMATIVOS devam ser decretados, através do bom senso. Particularmente prefiro a censura oficial, com normas e penas preestabelecidas, pois esta não está sujeita às crises de humor do tirano em plantão.

A seguir “a verdade do bom senso” sugere que o BOCA não deva publicar contos eróticos e/ou pornográficos ou outras frivolidades e sim atuar como um “veículo de discussão político-social (g.n.). Portanto, temos aqui o resumo clássico do Estado Autoritário: a eterna sucessão do perverso e o paranóico, sonado à dessexualidade ou, como diria

Hanna Arendt, “o mundo perverso é o da razão tranqüila, segura de si”. Talvez para o A., engendrada pelo seu bom senso.

Se o A. não reconhece nenhuma importância do “pornográfico/erótico” na literatura, deveria conhecer a sua influência na política, aproximando-se de autores como: Freud, Weber, Charcot, Deleuze, Foucault, Marcuse, Reich, mas, para não leva-lo à exaustão intelectual com tudo isso, sugiro apenas a leitura de um artigo (curto) de Eugene Enriquez, intitulado “O poder e a morte”.

Para finalizar, peço encarecidamente ao A. que não use o nome da saudosa Iara em um Artigo tão autoritário, pois Iara sempre rompeu com o “bom senso” vigente, até mesmo sempre cuidando de sua aparência, o que o “bom senso” da época, entre seus pares, considerava burguês. O “bom senso” do governo militar de então elaborou um laudo sobre a morte dela, que chegou à conclusão de suicídio, mesmo existindo em seu corpo perfurações de mais de um calibre, e, seu corpo se encontra enterrado no setor de indigentes do cemitério israelita, pois o “bom senso” da sua religião não perdoa os “suicidas”, da mesma forma que o “bom senso” da religião católica demorou mais de três séculos para perdoar Galileu.

Deixo ainda duas perguntas ao A.:

1. Daria para me definir metodologicamente a “categoria filosófica” bom senso?
2. Em caso afirmativo, qual é o seu representante atual?

Se não me falha a memória, Immanuel Kant em uma de suas ‘Críticas à Razão’ Pura ou Dialética separara o conhecimento em Senso Comum, Conhecimento Religioso, Filosófico e Científico. Ficando o tal do bom senso na esfera do Senso Comum.

O Senso Comum, ou Conhecimento Popular, é aquele do *blusa esquentada* ou do início do milênio em 2000, ou seja, no mínimo, é acientífico.

Já Karl Marx, creio em ‘Ideologia Alemã’, secundado por Louis Althusser de ‘Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado’ nos trás que “a moral - onde está o bom senso - é a moral da classe dominante”, donde temos pérolas como *quem tem poder manda, quem não tem, obedece*.

Causa-me náuseas ver pessoas, por exemplo, no Boca, tecerem uma seqüência argumentativa baseada no bom senso, ou pior, professores, dito doutores, em sala de aula, fecharem toda uma linha de pensamento enfatizando que devemos ter bom senso.

Quando era pequeno, recém alfabetizado, ganhara de meu papi o ‘Manual do Escoteiro Mirim’, nele já tava explicitada a importância do bom senso.

Se já fui embebido nesse nefasto bom senso desde tenra idade, o que vim fazer na USP com seu bom senso.

Desculpem-me por não citar as páginas das referências e nem referenciar completamente - e, talvez, nem referenciar exatamente. Não me recordo o intelectual que certa feita disse: *cultura é aquilo que fica depois que se esqueceu o que se aprendeu*.

E xô bom senso!

e-mail: j_brasílio@yahoo.com.br

X INTERPSICO

Neto (03) e José Israel (01)

Sempre é bom lembrar: O INTERPSICO ESTÁ CHEGANDO!! A partir do dia 09/05 até o ônibus sair da Psico, no dia 25/05, estaremos no corredor, geralmente na hora do almoço, vendendo os kits. Estes são os preços:

KIT

Até 20/05: R\$45,00

A partir de 21/05: R\$50,00

Ônibus

R\$20,00

Vai ter alimentação à venda nos alojamentos(semelhante ao Inter do ano passado).

Café da Manhã - R\$1,50

Almoço - R\$4,00

Qualquer dúvida, falem com alguém da Atlético.

SELETIVAS PARA O INTERPSICO

Já estão abertas as inscrições para as seletivas de tênis de mesa (masc), truco, e xadrez. São 2 vagas para o Tênis de mesa, 2 vagas para o truco e mais 3 vagas para o xadrez. As listas já estão na Val.

SELETIVA PARA O XADREZ

Tradicionalmente a PSICO-USP tem levado para disputar o xadrez no INTERPSICO a mesma equipe que foi vitoriosa no evento anterior, salvo alguma alteração devido a desistência ou impedimento pessoal de algum membro da equipe. No IX INTERPSICO participaram o DOMENICO, o RAFAEL, o BETO e o JOSÉ ISRAEL (os três primeiros

foram titulares e o último foi o reserva, mas todos tiveram oportunidade de jogar). Após consulta a esses jogadores, verificou-se que somente o Rafael (o querido "Lacraia") irá participar disputar este X INTERPSICO.

Então, coloca-se a necessidade da realização imediata de uma seletiva para determinar quem irá ocupar as três vagas. O tempo da partida de xadrez no INTERPSICO deverá ser de 30min para cada jogador. Assim, é conveniente que as partidas da seletiva também adotem esse tempo, para evitar que sejam selecionados jogadores muito bons em partidas de 5min ou 10min, mas que não tenham a tranqüilidade para suportar partidas que podem ter uma duração (total) de até 60min.

Fui informado que há muitos interessados do primeiro e do segundo anos em jogar xadrez. Isso é muito bom. Mas, nem tanto para efeito da realização de uma seletiva em menos de 15 dias e com partidas de 30min, que inclua a todos esses interessados. Assim, sugiro que somente se inscrevam os colegas que estejam efetivamente dispostos a ir ao INTERPSICO e estar em boa forma física e psicológica no sábado, dia 28.05.05, quando acontecerão todas as partidas de xadrez, com início previsto para às 9h. Para isso é necessário poupar-se na balada da sexta-feira...

Para uma inscrição de até 10 candidatos é melhor usar o Sistema de Emparceiramento Schuring (todos contra todos), que poderá ser interrompido tão logo a lista com os nomes dos três melhores colocados não mais possa ser alterada. Mas isso é detalhe a ser acertado e discutido juntamente com os candidatos. Que tal todos os inscritos até a próxima sexta-feira, dia 13.05.05, reunirem-se nesse dia para acertarem o emparceiramento e iniciarem a realização das partidas? [José Israel(01)]

Formatura 2001

Enviado por Anna Carolina (??)

Olá!!!

A Comissão de Formatura 2001 convoca todos os interessados (associados ou não) à Assembléia que será realizada dia **17/05/05 (terça-feira), às 12h00** na sala Aurora.

Serão abordadas as seguintes pautas:

- novas adesões e inadimplência;
- isenção de pagamento dos membros da comissão;
- apresentação de alguns orçamentos;
- esclarecimento de possíveis dúvidas.

É de extrema importância a presença de todos os interessados, sobretudo se for considerada a proximidade que estamos do mês de Julho, no qual pretendemos fechar contrato com a melhor empresa possível!

Um abraço a todos!

Comissão de Formatura 2001.

O BOCA e os Recursos Públicos: Como Fica Nossa Responsabilidade Social?

Flávia (03)

Fiquei bastante contente com o texto do Israel, publicado há três edições, que levantou a função do BOCA. Acho importantíssimo que questões como essa sejam discutidas repetidas vezes, pois, só assim, conseguimos amadurecer nossas próprias opiniões. E pelo que li na semana passada, o pessoal está mesmo a fim de encarar esse debate. Foram seis textos sobre esse assunto!

Todos eles traziam argumentos bastante interessantes para que o BOCA não tenha uma linha editorial e, particularmente, acho que alguns deles devam ser mais discutidos. Entretanto, o que me chamou a atenção foi o fato de nenhum deles ter, sequer, refletido sobre os custos da publicação semanal do BOCA. Aliás, vocês sabem como tantas cópias de um jornal vão parar nos corredores da Psico?

Bem, acredito que a parte operacional não seja difícil de ser imaginada, afinal o jornal publica, em todas as suas edições, o nome dos membros de sua Comissão Organizadora e todo mundo conhece alguém que faz ou fez parte da CO do

BOCA. Mas, e o financiamento desse trabalho? Você sabe, exatamente, de onde vem esse dinheiro? É um longo caminho: a direção do Instituto recebe uma verba da Reitoria da Universidade (dinheiro público, fruto de impostos) e disponibiliza para o Centro Acadêmico uma cota mensal de xerox. Este, por sua vez, repassa uma grande parte de sua cota para a reprografia do jornal. No final das contas, quem paga para que possamos escrever o que quisermos no BOCA é a população.

E quando eu começo a pensar com mais calma sobre isso, algumas perguntas não me saem da cabeça: será mesmo que podemos escrever qualquer coisa no BOCA? Será que podemos gastar o dinheiro dos impostos de qualquer forma? Se a idéia é que os alunos tenham um espaço para se manifestar, será que não tem uma maneira mais racional de fazê-lo? Será que um mural ou a própria lousa do CA não seriam espaços viáveis? Temos que começar a nos dar conta de nossa responsabilidade com relação ao BOCA. E isso não tem nada a ver com

censura; tem a ver com responsabilidade social.

Até agora temos optado por publicar irrestritamente os textos que chegam para o nosso jornal, mas isso tem conseqüências e eu as considero bastante graves. Vou citar um exemplo próximo: durante a última edição do Fórum Social Mundial, o CAII só pode xerocar 100 cópias de um folheto que o pessoal da Luta Antimanicomial havia preparado para levar para um evento em que se esperavam cem mil pessoas! Pra quem não sabe, a Luta Antimanicomial é um movimento que não tem financiamento próprio e conta com a ajuda dos CA's de Psicologia para garantir o mínimo de atividade.

Essa é uma discussão complicada que temos que levar adiante, refletindo o máximo possível acerca de todos os seus aspectos. E, quem sabe, a partir desse debate não se estruture uma nova forma para o BOCA. Espero, ansiosamente, pelos encontros que a CO do BOCA está preparando para discutir a função do jornal.

Doação de Medula

Helena(05)

Vou começar minha participação no BOCA com um tema muito importante: como e porque doar medula.

Leucemia é um tipo de câncer que ataca os tecidos produtores de sangue, ou seja, a medula óssea. O tratamento é feito através de sessões de quimioterapia e radioterapia e o paciente pode necessitar de um transplante de medula; nesse caso, as pessoas que tem mais chances de serem compatíveis são os irmãos e depois os pais. Muitas vezes não há compatibilidade entre os parentes e os doentes são encaminhados para o banco nacional e internacional de doadores.

Para fazer parte desse banco só é necessário ter entre 18 e 55 anos, não há restrições quanto ao peso ou qualquer

outra coisa, como no caso da doação de sangue, quando é necessário responder um questionário. No hospital, eles irão coletar uma amostra de sangue e você automaticamente já será um doador.

Caso você seja compatível com alguém e possa realmente ser doar a medula, após testes mais detalhados, ela poderá ser retirada da crista ilíaca na região da bacia; para isso é aplicada uma anestesia "daquelas de cheirinho" (segundo a descrição da enfermeira da Santa Casa!!!) e você ficará no hospital por um dia.

Há no Brasil por volta de 10 mil casos leucêmicos, as chances de se conseguir um doador dentro do país é

de 1 para 100mil pessoas e há somente 45,8 mil doadores no Brasil. Aumente esse número e seja você também um doador!!!

Para cadastrar-se no hemocentro da Santa Casa o endereço é Rua Marquês de Itu, 579; o telefone é (11) 32240122 ramal 5989, funciona das 7hs às 18hs durante a semana e até às 15hs no sábado, para mais informações acesse o site www.ameo.org.br.

Minha amiga Lilian precisa de um transplante...

Ah, para quem não sabe, não é necessário pesar no mínimo 50 kg para doar plaquetas também.

O padrão de beleza enaltecido na atualidade, nada tem que ver com as sensações que ele imprime no mais profundo do espírito humano. As sensações são falseadas pelo narcisismo e pela ideologia vigente em nossa cultura. O belo da natureza em suas formas diversificadas e rebeldes já está relegado a sensação de nostalgia do que nunca se viu ou de uma vitória do homem sobre o natural. É no conceito de beleza humana que se vê em que plano está esse padrão.

Com o capitalismo tardio a beleza humana, principalmente a feminina, se tornou um produto de comercialização: está nas passarelas, nos *outdoors*, na televisão e nas revistas. Nelas as mulheres tem legitimada sua histeria, podem rebolar, dançar, posar, seduzir sem que isto lhes obrigue ao ato sexual propriamente dito. A sedução está à venda que o falso desejo compra sem pestanejar. A masturbação se torna consumidora, cerne das relações entre os sexos. O narcisismo do auto-erotismo, ou daquele que só mostra a beleza ao outro para averiguação e satisfação própria, transformam o prazer em negação,

Na época do acúmulo, no mercantilismo, a beleza feminina era encontrada na opulência das damas. Grandes e gordas simbolizavam a riqueza acumulada e o lucro, ditames que regiam a economia e as relações da época. Mulheres desejadas, ornadas com as mais diversas preciosidades, "símbolos sexuais".

Hoje o que se vê é bem diferente, quando falamos de o que seria objetivamente belo, mas não se pensarmos no que rege suas características: a ideologia. No entanto diferente daquela do mercantilismo, que rege essa sociedade se baseia no sacrifício, em suas mais

bizarras formas. O belo está tão irremediavelmente vinculado a esse ideal que chega a impossibilitar o homem de subtrair-se dele.

Mulheres e homens se amontoam em academias em busca da "melhor forma". Correm "parados" atrás de nada nas esteiras e bicicletas ergométricas, passam horas levantando pesos e suando. A "filosofia" do *no pain no gain* comanda o circo. As conversas sobre dietas e formas de ficar mais fortes ou rígidos são compulsivamente repetidas e tratadas como questão de saúde. "A saúde da não-vida", como já se disse.

Milênios se passaram para que o ser humano conseguisse enfim poder prover comida a todos¹, enquanto a dieta impede-nos o prazer de comer. Deve-se ser rico ou pelo menos ter muito dinheiro, mas é preciso abster-se do prazer. Regrar a alimentação e os afazeres, é preciso estar em "forma"!

A mulher bonita é tão produto que se torna boneca. Com silicone de todos os lados, com lipoaspirações e enxertos pelo rosto. Tem de passar por operações que dão a sensação de serem atropeladas por um caminhão². Tem de ser magra, mas ter formas em suas regiões mais sexualizadas. A mulher e o homem tentam se renovar na plástica. Após milênios a medicina conseguiu, enfim, que as pessoas vivam mais. Agora tenta mantê-las plasticamente jovens. O *cyborg* da ficção científica foi criado, mas ele não é só meio-homem, meio-máquina, agora ele é também meio-homem, meio-silicone. O Dr. Frankstein, às avessas, não tenta ressuscitar o espírito humano em um corpo deformado. Mas ressuscitar uma falsa beleza sem espírito.

A forma física adquirida nos mais diversos esportes

dirige a vontade de praticá-los. É necessário sofrer para se ter o melhor resultado. A expressão "dar o melhor de si", se vincula, ao sofrer sem desistir, sem parar, "dando o sangue". E a satisfação que se sente nesses casos não vem do esporte em si. E mais de um prazer provindo do fim do sofrimento do que de uma sensação de dever cumprido. Dever que é reiterado por diversas vezes, na contradição do prazer negado: sacrifique-se, como fim em si mesmo.

O "bronze", adquirido nas praias, parques e piscinas, é tratado como relaxamento, dá a impressão do saudável ao que na verdade é maltrato da pele. Todos, dos mais velhos às crianças, procuram estar mais "queimados" deitados, letárgicos recebendo as ondas do deus-sol, que emana cor e câncer. E cada um diverge sobre as características desse prazer executado dentro do "tempo livre".

Para se ter dinheiro também é necessário sacrificar-se. A riqueza pode ser "congénita", pode pertencer à família. No entanto ao que trabalha para ter dinheiro: para ter aquele belo carro que se fica bonito dentro dele, para ter um belo apartamento e diversas outras belezas é necessário uma série de coisas e dentre elas, sacrifício: trabalhar muito, economizar, abster-se de prazeres e de si. Assim torna-se também bonito.

Do sacrifício ao belo a passagem é direta, mas também tortuosa. Mais um sinal do sadomasoquismo, que busca o prazer no próprio sofrimento e também no de outrem. Porém sofrimento e prazer se divergem enquanto conceitos, mas se coadunam, quando vistos neste prisma.

Qual é a função do BOCA? Acho que a resposta depende de qual a responsabilidade dos redatores e editores!

Para comentar sobre o artigo "QUAL A FUNÇÃO DO BOCA?" (BOCA n.º 06 de 27/04/2005)", início plagiando uma frase que a nossa **Diretora Prof.ª. Dr.ª. Maria Helena Souza Patto**, proferiu numa palestra, "A democracia é um jogo inteligente de liberdades relativas", entendo que isso vale para todos aspectos da vida. Inclusive para os responsáveis pela editoração do BOCA.

Ou seja, muito se diz sobre democracia mais poucas são as vezes que discutimos o seu verdadeiro significado, e nem sempre ser democrático significa ser justo, mesmo porque a acepção da palavra justiça e relativa.

Exemplificando, as vezes o candidato mais votado não é eleito, pois seu partido não conseguiu uma cadeira, seja na câmara municipal, assembleia estadual, ou no congresso. Isso é democrático?!

Cumprir as leis, normas e regulamentos também não é sinônimo de justiça, quero ilustrar essa afirmação com a seguinte história: Certa vez um cidadão solicitou justiça gratuita à Procuradoria Geral do Estado e conseguiu um advogado para processar, por difamação, outro cidadão, esse último por sua vez, teve de arcar com todas as despesas para contratar outro advogado para defendê-lo e contestar a ação. Ao final do processo descobriu-se que o réu era inocente e na sentença o acusador foi condenado a indenizá-lo. No entanto, o acusador não reunia condições financeiras para pagar a indenização, e após cinco anos prescreveu a cobrança sem que

o acusador tivesse reunido tal condição. Isso é justo?!

Voltando ao BOCA, entendo que todo texto é digno de ser escrito e enviado, mesmo que seja simplesmente para melhorar as técnicas de redação, leitura e envio de mensagem, de quem o escreveu, pois mesmo os textos não publicados servem para apurar a competência, o bom-senso a sensibilidade e o grau de responsabilidade dos editores.

Como também é digno e legítimo que seja(m) selecionado(s) ou como queiram "censurado(s)". A menos que todos os textos a serem publicados entre os que foram enviados ao BOCA, sejam escolhidos e classificados através de uma assembleia/plebiscito*, e quem sabe assim teríamos um BOCA ANUAL, com cuidado para não trocar a posição das vogais no hiato de ANUAL.

Vale lembrar que a Comissão Organizadora do BOCA não é permanente e o Corpo diretivo do Centro Acadêmico foi democraticamente eleito bem como as leis, regulamentos e normas são mutáveis.

Essa discussão me fez pensar em outros dois assuntos que considero mais relevantes e urgentes, os quais não lembro de tê-los lido no BOCA.

Primeiro diz respeito a programação das TV's Brasileiras, inclusive o Jornal do Conselho Federal de Psicologia – Ano XVIII n.º 80 – dez/04 – fez referência sobre um site www.eticanatv.org.br, no qual, se fez uma Campanha Nacional contra a Baixaria nas TV's. O Jornal de Psicologia – CRP/SP n.º 140 de mar/jun. 2004 também publicou uma matéria muito interessante "A baixaria como

padrão de qualidade da TV" vale muito a pena ler e ampliar essa discussão, afinal vocês alunos (graduandos, mestrados, doutorandos etc.) da Universidade de São Paulo são todos formadores de opinião, e o que esperamos principalmente de vocês e bom-senso que segundo o dicionário eletrônico é a faculdade de julgar, de aplicar a razão de uma forma adaptada às circunstâncias; propondo o melhor juízo e direção as coisas.

Segundo, é o fato do SINTUSP – Sindicato dos Funcionários da USP já estar falando em greve, e nos, funcionários, alunos e professores vamos ficar alheios a isso, lembrando que no ano passado tivemos dois meses de greve.

Enfim, quero dizer ao Dr. Ricardo que valeu as farpas lançadas, fizeram (na minha opinião, se é que preciso dizer isso) com que as respostas fossem mais reflexivas e críticas, o que (na minha opinião) é bom, até porque as bancas de jornais, as rádios e a TV estão repletos de levandades. Além do que aprendi algumas palavras novas. Ah! as palavras promoção, especial e grátis foi para atrair a atenção dos leitores. Obrigado e desculpe se achou que o texto não merecia ser lido.

*Surgiu-me agora a seguinte idéia: Todos os textos enviados ao BOCA poderiam ficar em um website ou i-grupo, no qual, far-se-iam enquetes para escolher quais textos deveriam ou não ser publicados e os editores basear-se-iam nessas enquetes, os demais textos poderiam ficar na internet por mais algum tempo para que os mais rebeldes pudessem adora-los ou e x c o m u n g a - l o s

Caro Beto (00),

Você quer saber, em mensagem de 04.05.05, minha opinião sobre a “censura” no BOCA, nos termos preconizados pelo Ricardo, e qual teria sido o destino dos seus (Beto) inúmeros textos já publicados, se tal “censura” vigorasse anteriormente.

Espero que depois da leitura dos textos publicados no BOCA n. 7, na mesma data, alusivos à questão da liberdade de expressão escrita, fique para você esclarecido que os argumentos do Ricardo visam à defesa de uma linha editorial rigorosamente ortodoxa para o boletim, a qual tem sido bastante criticada, principalmente por sua ortodoxia. No entanto, há também a defesa de uma linha editorial alternativa, e de amplo espectro, a contemplar a maioria dos anseios vigentes na comunidade ipuspiana. Tal linha editorial, embora minimamente restritiva estabeleceria os requisitos necessários, bem como os parâmetros suficientes, para que a edição do boletim pudesse transcorrer de forma permanente e estável, com uma demanda mínima de decisões de sua Comissão Organizadora.

Há quem afirme que não ter linha editorial explícita é a característica atual do BOCA, é a sua “linha editorial”. Ora, o que existe de fato na edição do boletim é a vigência de duas regras consuetudinárias, visto que nem são escritas exatamente nos termos que se seguem, e que são consideradas necessárias para a publicação de matéria: 1. O(a) colaborador(a) deve estar identificado na sua mensagem de encaminhamento da matéria; 2. A matéria deve conter a identificação de sua autoria. Tal característica ou “linha editorial” é omissa quanto à observância ou não

de preceitos estabelecidos em instâncias superiores àquela específica da C.O., os quais estão normatizados (Código de Ética do Jornalista, Lei de Imprensa, Constituição Federal do Brasil) e se impõem obrigatoriamente a todos os brasileiro, sejam ou não colaboradores/leitores do BOCA, independentemente de que tais obrigações possam ser vistas por eles como atos de censura.

Para você pode até ser evidente que toda matéria a publicar deve observar aqueles preceitos, além daquelas regras do BOCA. Mas, se isso não está estabelecido por escrito ou se não é bem conhecido pela comunidade ipuspiana, e, daí, não é observado costumeiramente por ela, poderá, em determinadas circunstâncias, dar margem à publicação de textos/ilustrações que firam aqueles preceitos, ainda que obedeçam aquelas regras.

Não estou especulando com uma hipótese gratuita. Tudo o que se está a discutir a respeito nos últimos boletins decorre das seguintes ocorrências. Na semana anterior à edição do BOCA ESPECIAL MULHERES, de 01.12.04, foi enviado ao listador de textos um relato com cerca de 10.000 caracteres (duas páginas do boletim) que tinha por foco uma felação heterossexual. O colaborador criou um e-mail que não permitia a sua identificação e assinou a mensagem com um nome que não identificava alguém da comunidade. O mesmo nome também foi utilizado para indicar a autoria do relato. O listador informou ao colaborador que as irregularidades detectadas seriam analisadas pela C.O. em sua reunião semanal, à qual ele colaborador poderia assistir e dela participar

opinando. O colaborador não foi à reunião e a C.O. decidiu não publicar o relato, devido às irregularidades. Na mesma reunião, o listador questionou seus colegas sobre a aceitação do tal relato, na hipótese de que o mesmo viesse a ser reenviado à C.O., sanadas aquelas irregularidades, para a publicação numa edição rotineira. A razão do questionamento era que o relato, embora apropriado para a publicação numa edição especial erótica não o era segundo a apreciação do listador para uma edição corriqueira. Houve uma reação geral de estranhamento da questão e a hipótese de não aceitação do relato foi rejeitada por ser vista como um ato de censura. No início das edições do BOCA deste ano, aquele colaborador reenviou o relato e lhe acrescentou três ilustrações, sendo duas delas pornográficas, dentre as quais ele indicava uma que lhe parecia mais adequada a ilustrar o relato, pois era efetivamente uma exemplificação deste. O colaborador desta vez utilizou um e-mail que permitiu a sua identificação, assinou a mensagem e exigiu a utilização de um pseudônimo para indicar a autoria do relato. O listador de textos, ainda o mesmo, repetiu os procedimentos anteriores, o colaborador não foi à reunião e a C.O. decidiu outra vez não publicar o relato nem as ilustrações. O motivo da rejeição foi a exigência de utilização de pseudônimo, feita pelo colaborador. Novamente o listador de textos, levantou a hipótese de rejeição do relato e de suas ilustrações se fossem em conjunto enviados uma terceira vez para a publicação, mesmo que todos os requisitos necessários estabelecidos tradicionalmente

fossem cumpridos. Não houve na ocasião uma decisão unânime sobre a questão.

Dado que este boletim é mantido, no que se refere aos meios materiais, com recursos públicos, portanto, da própria comunidade, direta ou indiretamente disponibilizados pelo IPUSP, entendo que está implícito o direito dessa comunidade de poder delimitar o que lhe convém ler nele, por CONSENSO, abstraído diretamente de manifestações específicas dela (resta determinar como operacionalizar isso).

Se a denominação do boletim fosse, por exemplo, "ANUS", não haveria supostamente a preocupação com a observância desse direito, visto que certamente pouco importaria quem deveria ser recipiente do que eventualmente viesse a ser expelido do boletim, ou melhor, expresso por ele. Por sinal fui informado da existência de tal mídia, e a acessei, digitando <http://www.anus.blogger.com.br>.

Eis o que encontrei (parcialmente):

"Grande inauguração!"

Inauguramos hoje, 03 de março de 2005, o jornal ANUS - Acervo de Notícias Universitárias Semanais! No ANUS, você encontrará diversão, informações, notícias e ainda um espaço para a colocação de dúvidas e sugestões.

Vantagens do ANUS

O ANUS é uma grande evolução no desenvolvimento metapsicológico do Instituto de Psicologia.

Ao contrário do jornal concorrente, que se encontra ainda na fase oral, o ANUS pretende fazer as notícias saltarem para a fase anal!

Aqui você encontrará os mais sórdidos acontecimentos deste famigerado instituto, bem como suas peculiares fofocas.

"Por que o frango atravessou a estrada?"

Entrevista exclusiva com o professor [...]

ANUS: Por que o frango atravessou a estrada?

[...]: [acende um cigarro] Interessante... [pausa] Muito interessante seu questionamento... [pausa longa, olhando para cima] Em realidade... Primeiramente, devemos nos perguntar: quem atravessou? O frango? Mas... [pausa] O que é o frango? [pausa] Na verdade, isto depende do observador. Porque o frango é realidade... E realidade, não é coisa... mas também não é mera subjetividade. [pausa] Realidade é... praxis! História! É fenômeno de campo, de interação entre observador e objeto. Sendo assim, devemos nos perguntar: quem viu o frango atravessar a estrada? [pausa, soprando fumaça de cigarro para cima] Foi um ser humano que o viu atravessar? [pausa] Foi um outro frango? [pausa] Foi... a estrada? Ou será que foi o próprio frango que viu a si próprio? Tudo isto tem uma relevante importância para a nossa indagação. [Joga fora o cigarro e já acende um outro] O frango... em sua existência real... é um Ser-no-Mundo! Isto porque o mundo não existe sem o frango, assim como o frango não existe sem o mundo. Poderíamos até, hipoteticamente, considerar a presença de um pequenino carrapato por entre as plumas do lindo frango. Para o carrapato, o mundo é o frango. É aquele odor, aquele calor confortável, aquele sangue... alimento morno... penetrando em sua barriga e saciando a sua fome. O carrapato, conforme nos conta uecsquil, apenas consegue detectar a luminosidade, e não as formas. Consegue apenas perceber se há ou não há luz. [pausa] Ainda assim, o carrapato é um Ser-no-Mundo. É um ser que se relaciona com o outro, que não existe sem o outro. E o outro não existe sem o carrapato. [pausa longa] Quando nos perguntamos, portanto, por

que o frango atravessou a estrada... Devemos considerar que o frango é um Ser-no-Mundo - e não... [pausa] um ser do mundo -, e que, assim como atravessou a estrada, a estrada pode tê-lo atravessado. [pausa longa] Agora... Quando a indagação é sobre as razões que levaram o frango a atravessar a estrada... [pausa] devemos considerar que atravessar a estrada é uma iniciativa, e que toda iniciativa depende de um iniciador. O frango é um iniciador, um Ser-no-Mundo que tomou uma iniciativa. E só pôde assim proceder porque tem a capacidade para estar só. Estar só não significa, necessariamente, estar solitário, estar desacompanhado. Winnicott fala que nós desenvolvemos, na infância, a capacidade de estar só estando acompanhado, ou seja, de estarmos sós com o outro. [pausa, apaga o cigarro, acende o terceiro] O frango, como Ser-no-Mundo, desenvolveu esta capacidade, que foi a precursora da iniciativa. E atravessou a estrada, realizando, assim, o que nenhum outro de sua espécie jamais havia tentado... Abrindo caminho para o novo, fugindo à ideologia que dizia: "nenhum frango seria capaz de atravessar, vivo, esta estrada".

Voltando à questão da censura, cada colaborador e/ou leitor do BOCA, tem o direito e o dever de também expressar uma opinião própria sua sobre o assunto, com a coragem cívica, racionalidade e a devida fundamentação teórica de que é capaz, independentemente de manifestar seu acordo ou desacordo com aquela opinião do RICARDO ou com a minha.

Assim, também se pratica a cidadania. Entendo que o que não deve ocorrer é a acomodação ou a indiferença a respeito do assunto, qualquer que seja a sua justificativa, pois, retornando com o RICARDO aos idos de 1968, concordo e revigoro o seguinte pensamento de Sartre: "O SILÊNCIO É REACIONÁRIO".

Um abraço.

Relatório sobre a discussão "O Curso de Psicologia como Desencadeador do Sofrimento no Estudante", realizado no II Seminário de Graduação do IPUSP no dia 12/04/2005.

Rafael Baioni do Nascimento – RD na CG

Michelle Fonseca Lingiardi – RD na Comissão de Cultura e Extensão

Antes de tudo, nós, relatores, achamos importante fazer uma breve consideração das limitações desse relatório. Todo resumo é uma simplificação, e todo recorte traz uma marca ideológica. Muito foi dito durante as, praticamente, seis horas de discussão. E o presente relato não é uma transcrição literal dessas seis horas (todo o evento foi gravado em áudio e está disponível através da Comissão de Graduação). Tentamos, dentro do possível, abarcar os diferentes pontos de vista apresentados, e, especialmente, os pontos de confluência, na expectativa de que este possa servir como um instrumento norteador, entre outros, no processo de transformação institucional. Não tivemos, portanto, a pretensão de reproduzir neste relatório o evento de forma neutra e absoluta. E, sendo assim, fica aberto o convite para que outros relatórios sejam apresentados.

Em primeiro lugar, o evento fora dividido em duas partes, manhã e tarde, sob dois temas interrelacionados: o tema geral do curso como desencadeador do sofrimento, na parte da manhã, e o tema específico do atendimento psicológico ao aluno do IP (pelo IP), na parte da tarde. Entretanto, seguindo a própria natureza de intimidade entre os dois temas, a discussão se mostrou, ao nosso ver, tanto na parte da manhã quanto da tarde, permeada por eles de forma dificilmente dissociável, e por isso apresentaremos um relatório condensado do evento.

Talvez o ponto de concordância mais marcante tenha sido a importância de diferenciar os tipos de sofrimento que podem ser desencadeados/potencializados pelo curso. Podendo ser diferenciados em duas categorias gerais básicas: o sofrimento necessário e o sofrimento desnecessário.

Como assim? Necessário seria aquele sofrimento gerado/potencializado, e por que não gerado, pelo curso de psicologia

como campo de conhecimento e prática. Aprender psicologia é se deparar com experiências novas e com novas formas de percepção da realidade que trazem, e devem trazer, certa carga de sofrimento, ou da qual é impossível se desfazer. Como por exemplo o encontro desagradável, por princípio ético, com a desigualdade social, gerador não apenas de sofrimento mas de revolta, e de revolta transformadora. Acabar com esse sofrimento significaria talvez um amortecimento das tensões sociais sem uma transformação da contradição real implicada na sociedade capitalista contemporânea. Dando outro exemplo, por outra via, que tipo de profissionais seríamos se fôssemos treinados a nos tornar completamente indiferentes ao sofrimento do qual nos dispomos a tratar? Sofremos, o mínimo que seja, ao lidar com o sofrimento do outro, porque isso faz parte da dimensão ética ao tratarmos, não com objetos, mas com outros sujeitos, iguais, em princípio e em parte, a nós, com os quais nos identificamos.

Desnecessário seria o sofrimento desencadeado/potencializado/gerado pela forma que a psicologia é ensinada e praticada aqui no IP e que não colabora em nada com o amadurecimento (apesar de colaborar, talvez, com o enrigimento). Como por exemplo o distanciamento professor-aluno, aluno-aluno, professor-professor, aluno-funcionário etc. Quando um aluno se identifica com um modelo de explicação do psíquico (quando não, da realidade como um todo), e se enxerga, por exemplo, neurótico, psicótico, perverso, alienado, a-sujeito etc, e isso lhe causa sofrimento, e ele não consegue conversar com um outro (quer professor, quer aluno) que poderia lhe dizer um milhão de coisas que poderia lhe dar uma outra visão daquela teoria, quer relativizando-a, quer confortando-

o, como fazem os colegas, os amigos, nesse caso, esse sofrimento é um sofrimento desnecessário, gerado, segundo determinado ponto de vista, pela desvitalização das relações humanas em nossa sociedade, na qual as relações entre as pessoas passam a seguir a mesma lógica das relações comerciais, e em especial pela forma como a educação tratada como mercadoria e a escola (universidade) tratada como campo de seleção dos mais aptos incita a uma aceleração do cotidiano e uma frieza no trato com o outro, seu concorrente, ou chefe, ou cliente, com o qual você não perderá mais tempo (e *time is money*) do que o estritamente necessário.

Algumas fontes/nós de sofrimento desnecessário apontadas no decorrer da discussão, e muito provavelmente interrelacionadas umas com as outras, foram:

- Distanciamento (já basicamente abordado);
- Estrutura do currículo, tanto o antigo quanto o novo, que ainda apresenta problemas que devem ser enfrentados como: falta de base epistemológica (que, por exemplo, pode ajudar os alunos a não tomar modelos de explicação da realidade como verdade incontestável, ou seja, o dogmatismo; ou ao niilismo vulgar, ou ao relativismo) sobrecarga de leitura (como a gerada pelas disciplinas que com a reforma curricular diminuíram em quantidade de horas, mas mantiveram a mesma carga de leitura); ementas pouco fidedignas com o que é efetivamente dado no curso, ou abrangentes demais e, por isso, pouco explicativas; falta de uma avaliação das que

possa fornecer um retorno (*feedback*) no processo de mudança curricular que, acreditamos, deve ser contínuo.

A Comissão de Acompanhamento da Reforma Curricular já está pensando alguns desses problemas referentes à estrutura do currículo, como por exemplo, o problema da falta de base epistemológica diminuirá, esperamos, como a disciplina de Introdução a Filosofia para a Psicologia que entrará em breve no currículo e que será ministrada sob responsabilidade do departamento de Filosofia da FFLCH. Ou ainda, o projeto para avaliação das disciplinas que está sendo formulado por essa comissão.

Mas surge a pergunta então, se os problemas apontados são institucionais (por exemplo, distanciamento e currículo), faria sentido ainda se falar em atendimento ao aluno do IP? Não seria o atendimento uma forma de individualização do problema que impediria a transformação institucional? Por outro lado, ainda que todos os problemas institucionais fossem resolvidos não haveria ainda algum sofrimento desnecessário desencadeado/potencializado/gerado pelo curso para o qual o atendimento seria uma solução?

Esses foram pontos de controvérsias e confluências.

Num encontro anterior ao II Seminário de Graduação (que ocorreu durante a X Semana de Psicologia do IP, em 2004) e do qual saiu uma carta (escrita por alunos) que serviu de início à discussão no Seminário, uma das reivindicações, dos alunos, era o oferecimento de atendimento psicológico gratuito e optativo ao aluno do IP pelo IP.

Se a Clínica Escola do IP, diz essa carta, tem como princípio norteador o atendimento a comunidade, surge a pergunta: não faz o aluno do IP parte da comunidade? Seriam os impedimentos éticos de atendimento da forma como ele se dá atualmente (por alunos, sendo inviável, portanto, o atendimento de

alunos por alunos) suficientes para encerrar a questão? Não deveria o IP se encarregar de possibilitar um atendimento psicológico individual aos alunos, oferecido, talvez, por técnicos desvinculados do instituto?

Muito foi dito então dos perigos que acompanham tal reivindicação. Um deles é o da transformação do IP numa “instituição total”, que, além de ensinar, cuida da saúde mental de seus alunos e que, além de dar um diploma de profissional, dá um certificado de sanidade.

Ainda que esse atendimento fosse optativo e sigiloso? Foi um contraponto.

Bem, então outro perigo foi apontado, que é o do suposto “centro de atendimento ao aluno” servir como um “depositário de segredos institucionais”. E também como um instrumento de amortecimento da revolta do aluno. Ou seja, o aluno descontente que vá resolver isso com o seu terapeuta. (Ainda que não haja indícios evidentes de que os alunos que já fazem terapia fora da instituição serem menos revoltosos que os que não fazem – foi outro contraponto).

Isso não seria pensar que todo o aluno que procura terapia tem motivos institucionais encobertos? Que a terapia individual não pode diminuir o sofrimento desnecessário e, ao mesmo tempo, permitir que o sofrimento necessário continue existindo?

Ou ainda, se esse fator de ajustamento é potencializado pelo fato de ser a mesma instituição que ensina a que cuida, não seria, a rigor, também desaconselhável o atendimento do resto da comunidade USP pela Clínica, já que, a rigor, o IP faz parte da instituição USP?

No tocante a essa questão, portanto, de se faria sentido ainda o atendimento ao aluno do IP, não houve um consenso, mas, em contrapartida, um ponto de confluência nessa discussão surgiu do lembrete, por parte de alguns, e da descoberta, por parte de outros, da existência de um cadastro de profissionais de psicologia que se comprometem a atender por preços de

acessíveis a simbólicos, cadastro esse encontrado na Clínica.

Bem, levando-se em conta os perigos apontados (apesar das ressalvas a esses perigos), e da dificuldade prática que seria a criação de um centro de atendimento ao aluno (espaço físico, contratação de funcionários etc) foi consensual que se houver uma melhor divulgação desse cadastro e mecanismos que garantam, dentro do possível, o funcionamento efetivo deste, não há a necessidade da criação de um centro de atendimento ao aluno.

Outra solução possível apontada foi a criação de convênios com outras faculdades, no qual poderia haver uma “troca”, ou seja, os alunos de uma poderiam ser atendidos na outra.

E ainda, a possibilidade dos alunos receberem uma atenção, não psicoterápica, mas psicopedagógica, por exemplo, através de tutorias, que consistem, basicamente, em grupos de alunos mais um professor conversando sobre a Psicologia, o curso, o IP etc.

Ou ainda, a possibilidade de se montar um quadro com os horários em que os professores podem ser encontrados em suas salas para serem tratados os mais diversos assuntos relacionados com o curso, proporcionando um encontro entre alunos e professores, que, claro, pode vir a ser apenas mais um espaço burocrático e frio, mas que já pode resolver alguns problemas (como no caso dos professores que não são encontrados nunca, nem frios e burocráticos).

Para melhor pensar essas questões, e não exclusivamente elas, será criada uma comissão, organizada pela Comissão de Graduação, e que se proporá, entre outras coisas, a pensar/fazer a melhor forma de tornar acessível o tal cadastro de profissionais, pensar o que seria um projeto de tutoria interessante (já que a definição básica comporta o mais variado tipo de propostas), e como será, especificamente, esse convênio que procurará ser feito com outras faculdades.

A Distopia do Heterossexual (baseado em fatos reais)

Diego Caleiro (05)

Tenho 18 anos, sou heterossexual. Tenho um nome, mas me chamarei de eu doravante.

Esse feriado, viajei com alguns amigos, mais especificamente, sete amigos e quatro amigas. Como se pode notar com arcaico conhecimento matemático, caso todos nós fossemos heterossexuais, dificilmente poderíamos nos organizar de forma a dormir de conchinha apenas com o sexo oposto, em virtude do eminente excesso de homens que populavam a viagem.

Há várias posições que se pode tomar em relação a isso, a começar, por se negar a dormir de conchinha por hipótese com alguém. Existem pessoas que desconhecem o fato de que podem dormir abraçadas com amigos ou amigas, sem ter de estarem beijando-os, faço claro desde já que isso é sim possível, aliás, é também desejável. Minha distopia começa nesse desconhecimento básico de alguns indivíduos.

Mesmo após a filtragem desses indivíduos representantes da moral francesa do século dezoito, ainda éramos em maior número que as mulheres. Alguns homens adotaram a disputa de poder, para conseguir parceiras para suas dormidas, destaca-se entre esses um que se diz muito hetero, faz musculação e ocupa 70% de seu tempo falando das minas e explorando toda a diversidade linguística do verbo “catar”, uma beleza. E vinte por cento afirmando “sou hetero”. Não será preciso demasiado esforço para saber que ele foi mal sucedido em sua empreitada.

Por um insucesso do destino, também conhecido como darwinismo universal, ou simplesmente por não ter entrado na competição memética, eu não fui um dos predestinados pelos elétrons a ter uma parceira de conchinha. Sobramos para tanto, Eu, Ele, e o Outro.

Prontamente, num ato de absoluta espontaneidade ao redor da fogueira à lua cheia, veio o Outro, deitou-se na canga em que eu estava, e

prontificou-se a me abraçar por trás, culminando na posição conchinha, tão apreciada por ambos nós. Ele (o Ele, não o Outro) não perdeu a chance de enumerar todas as palavras que enunciam viadagem, homossexualismo, homossexualidade, gayzisse, bichisse para descrever nosso ato, enquanto ríamos, por percebermos, sem sombra de dúvida, o quanto éramos infinitamente mais heterossexuais que Ele. E mais uma vez, rindo, sofri, sofri porque todos os heteros têm de sofrer, sofri porque o calor do abraço acalentava a noite e acalmava meu corpo primata. Sofri porque os outros, e eu mesmo não podemos usufruir disso, sofri, porque a conchinha só poderia durar até horário determinado, pois a mãe do Outro iria nos acordar, e não valeria o esforço tentar fazê-la compreender não só que aquilo nos fazia mais heteros do que nunca (e realmente, nunca me senti tão hetero.) como também, se não nos fizesse, isso não poderia ser considerado um problema.

Minha distopia é fruto de meu tempo, vivo séculos a frente, num tempo em que o heterossexual não precisa afogar e contrair os seus sentimentos em ânsias, dores, e conjugações da palavra “catar”. Vivo num tempo em que dormir de conchinha é a regra, não a excessão, e sofro de anacronismo.

Estamos em uma era na qual convivem muitos e muitos séculos, e o sofrimento do anacronismo é inevitável. Enquanto jogam pedras em gays que se beijam no ENEP, numa cerimônia similar aos apedrejamentos dos bons tempos bíblicos, alguns vivem apenas dizendo “Tolero, mas se me cantar eu bato” e outros dormem de conchinha com os amigos. Chaplin foi magistral quando teceu sua obra tempos modernos, é chegado o momento no qual alguém teça uma ironia sobre os novos tempos, os “tempos extensos”, pois, na distopia de nosso tempo, só o sarcasmo nos salvará.

ÉÉÉÉÉ...

(em tom de boa lembrança)

Léo (03)

Enviado por Busilis (00)

Eagles acústico...talvez possa,de
maneira quase
equilibrada descrever,mais uma noite
de uma memória
falível.Mas a memória é somente um
depósito para o
que o coração filtra e,este sim,fez-se
infalível há
tempos. É engraçado a beleza que
existe no simples
quando a possibilidade de senti-la
engrandeceu-se,e
consequentemente,a complexidade do
sentimento torna-se
tamanha,que nos resta apenas sentir
para que não
percamos um momento sequer.Sou
apenas uma manifestação
grotesca do que sinto.
A noite que pretensiosamente tento
enaltecer perdeu
sua friagem e frieza numa roda de
samba regada a
cachaça e bons companheiros e
companheiras.Felicidade
gratuita e libertária ao alcance de
todos os que
buscam alegria e a liberdade de se
despirem de suas
cascas “hiper-egóicas”.E em meio a
esta feira-livre de
arranjos e compassos,surgiu até
aquele anjo-torto
mensageiro da euforia.Euforia
cristalizada,mãe da
inspiração de alguns poetas,aspirada
pelo cantor.Daí
pra frente foi só rock and roll.Música
contemporânea
expressada em meio a uma “Fauna
Mitológica” de
malucos.Fauna a qual tive o privilégio
de pertencer
pelo tempo singelo de algumas
músicas sem
fim.Epifania...epifania que só termina
devido ao fim
do papel...da caneta...e da garota
“light my fire”.

CHAMADO "BOCA BIXOS" : Mais um BOCA temático pra vc!

Patrícia Rabaça (03)

Olá queridos calouros, aqueles que tornam nossa vidas mais alegres, aqueles que trazem a novidade...

Antes que vcs se misturem nessa farinha, comecem a ter crises asmáticas ou existenciais, lhes darei minha primeira dica:

- **DESISTAM ENQUANTO É TEMPO.** Vá dar uma voltinha na POLI, na FEA ou até na ECA e veja o quanto lá é mais divertido, mais saudável, mais real.

Mas, caso esteja convicto em sua escolha (péssima escolha!) aí vão alguns alertas e facilitadores para sua estada nessa jornada alucinógena:

1- Temos aqui muitas festas, Happy Hours e Saraus, todo ano tem também uma festa a fantasia. Quanto aos Happy Hours a banda sempre é ÓTIMA então lhes recomendo que fiquem para dançar, porém, o resto da festa pode te parecer super careta e você pode ficar super frustrado, recomendo então que procurem o **Mestre Zílio Zílio**, ele saberá te informar onde encontrar pessoas mais descoladas e festas mais agitadas, afinal, você sabe, a galera aqui é da psicologia, tem coisa mais reprimida? Os Saraus são vazios, ideal para agarrar um pretendente ou para verificar quem quer te agarrar... Além disso, se o **Mestre Baione** participar, com certeza fique, será divertido! Ele é um dos mestres cultos e criativos por aqui. Na festa a fantasia você terá a oportunidade de conhecer Mestres mais antigos e entender melhor o que se passa.

2- Fique com muita gente sim, a galera em sua maioria é legal e bonita apesar de nossas repressões mas, atente ao MAS, escolha MUITO bem para quem contar suas intimidades, um tempo depois você pode despertar o lado sádico dessa

pessoa e, se elas conhecerem seu ponto fraco, sua vida vai se tornar um inferno. Lembre-se: É uma faculdade burguesa, não existe curso noturno, você não poderá mudar de período, o que significa que você esbarrará com os sádicos de segunda à sexta das 8h às 18h !!!

Nesse caso aconselho que procurem o **Mestre Marcelinho**, ele já estudou aqui e se especializou na técnica do "Foda-se", procurem-no, ele terá o maior prazer em iniciar você! Caso você siga uma postura mais oriental, tenha ainda problemas com a agressividade, seja um pouco masoquista mesmo, o mais adequado é procurar o **Mestre Markito**, também conhecido agora como PP. Ele te iniciará na Via de Ganesha... hihi!

3- Eu já tenho um Mestre particular, o **Mestre Luciano**, caso eu vá com a sua cara, posso apresentá-lo pra você.

4- Quando você já estiver de saco cheio dessa palhaçada toda e resolver que chegou a hora de estudar e que, afinal de contas você veio aqui para se formar, procurem o **Mestre Domenico**, mais conhecido como **Mestre Domeck**. Ele é ótimo em auxílios bolsa, bastante inteligente e, apesar do nome lembrar um italiano, ele é Koreano, o que o torna ainda mais legal!

5- Você pode nessa hora querer entrar para o C. A. ou para Atlético, os dois são o máximo e, entrar em um não significa que você não possa entrar em outro. Você também pode entrar para a Comissão Organizadora do BOCA! Nessa hora te darei meu MELHOR CONSELHO (fora o de se mudar para POLI, FEA ou ECA): Procure o **Mestre Jonas** ou o **Mestre Israel**, também pode me procurar ou aos mestres mirins, hehe, GUI,

POÉTICA

autor: (Manuel Bandeira)

enviado por Patrícia Rabaça (03)

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público
com livro de ponto expediente
[protocolo e manifestações de
apreço ao sr. diretor.

Estou farto do lirismo que pára e
vai averiguar no dicionário o
[cunho vernáculo de um vocábulo
Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os
barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as
sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os
inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao
que quer que seja fora de si
mesmo.

De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-
senos secretário do amante
[exemplar com cem modelos de
cartas e as diferentes maneiras de
[agradar às mulheres etc.

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbados
O lirismo difícil e pungente dos
bêbados
O lirismo dos clowns de
Shakespeare

- Não quero mais saber do lirismo
que não é libertação.

Perguntas...

Guilherme (98)

Qual é a história da educação no Brasil? Como chegamos ao ponto em que estamos? Quais são as forças atuantes no campo da educação?

Qual é a educação oferecida para a elite, para os que têm dinheiro e poder? Qual é a educação que resta aos pobres?

Qual a perspectiva de formação escolar e de vida de um jovem pobre no Brasil?

Qual a perspectiva de formação escolar e de vida de um jovem negro no Brasil?

Quem são os que conseguem ser selecionados pelo vestibular da FUVEST? Quantos destes são negros? Quantos são pobres? Quantos trabalham?

A universidade deve adotar cotas para negros ou para estudantes de escola pública? De onde vem a reivindicação por cotas?

O ensino médio serve como preparação para os vestibulares? Ou como preparação para os cursinhos?

Que cidadão é formado ao final do ensino básico? E do superior? E na escola pública? E na particular?

Como as políticas públicas de educação atuam para a queda da desigualdade social? E para o crescimento da desigualdade social?

O que a universidade pública faz diante da desigualdade?

Qual é a concepção de educação disseminada e praticada pela universidade?

O que um jovem universitário visa com seu curso? Inserir-se no mercado de trabalho, aplicando seu conhecimento na lucratividade do setor privado? Ou direcionar sua formação para pensar e agir numa sociedade repleta de desigualdades?

Como são formados os professores no Brasil?

Quais são as iniciativas do poder público, da sociedade civil, dos movimentos sociais e do movimento estudantil diante do quadro educacional? Educação é um direito de todos ou um privilégio de poucos?

(continua)

MÃE

João Rodrigo I. Matsumoto (03)

Nasci com uma característica própria: um choro estridente,
Aos berros esperneava dentro do meu bercinho,

MÃE, doçura de uma rosa vermelha,
preocupação latente
Em me proporcionar completa atenção, o máximo carinho.

Na minha infância, imergi em uma carência afetiva, em um mórbido estado de solidão,
MÃE, você confortou-me no calor do seu peito, me acalmou ao me acariciar,
Com suas delicadas mãos a minha face, transferindo a pureza de sua emoção,
Sempre irradiando seu brilho incessante e inebriante, uma característica particular.

Na minha adolescência rebelde, nos meus atos de indisciplina,
Na minha fase introspectiva, repleta de reflexões, da busca de significações,
MÃE, você esbanjou sua bondade não empregando punições de rotina,
Optou por conversas francas, me aliviou, ao minimizar o peso das minhas obrigações.

Na juventude, em momentos críticos da vida perdi a esperança,
Não esbanjava mais a fé, a crença numa possível salvação,
MÃE, sua sensibilidade através de suas lágrimas, me conscientizou sobre a dança Da existência: suportar a derrota e aprender a conviver com a frustração.

Ao tornar-me um grande homem, jamais infringi as vigentes normas sociais,
Cumprir a risca os deveres, no máximo, exigi meus direitos de cidadão,

Sobre a amizade...

Janaina (05)

“Amizade é mais que afinidade e envolve mais que afeição. As exigências da amizade - franqueza, sinceridade, aceitar com a mesma seriedade as críticas e os elogios do amigo, lealdade incondicional e auxílio a ponto do sacrifício - são estímulos poderosos para o amadurecimento moral e o enobrecimento.

Amizade genuína requer tempo, esforço e trabalho para ser mantida. A amizade é algo profundo. De fato, é uma forma de amor.”

(O Livro das Virtudes - William J. Bennet)

MÃE, paciente por excelência, apresentou-me os valores morais,
Distanciou-me das condutas que colocasse em risco a população.

Tenho trilhado um florido caminho marcado pelo sucesso,
Repleto de realizações, o meu grande sonho concretizado,

MÃE, exemplo de perseverança e determinação, só você tem acesso
As chaves mestras condutoras ao tênue amor idealizado.

Coexiste a mim, uma grande companheira, um grande amor,
Uma relação fiel, onde impera minha extrema dedicação,
MÃE, sapiência plena na difícil arte em estabelecer uma estável relação
Amorosa, ensinou-me a amar, respeitar e tolerar, para evitar o dissabor.

Ao conviver com a minha velhice, presencio o tempo voar,
MÃE, você já não esta mais de corpo presente,
Falta um pedaço de minha alma, queria te abraçar, beijar,
A lembrança do seu carismático sorriso é meu conforto remanescente.

Minha vida se exauriu, deixo por aqui o meu legado,
Rumo a um só destino, parto em uma luxuosa embarcação,
MÃE, liberto-me das amarguras, novamente vou me entregar desenfreado,
Ao calor dos seus abraços, rever a ternura do amor, gozar do seu ilustre coração.

Bossi (Funcionário Bloco F)

Inst. de Psicologia, oito e meia
Começa o desfile de Sereias
São meninas de todas as idades
Vindas de todos os cantos da cidade

Há musas negras, brancas e morenas
Tem gatas altas, médias e pequenas
Com seus trajes opacos e brilhante
Se tornam ainda mais elegante

Elas são Fernandas, Tánias e Leticias
Clarisses, Sheilas e Patrícias
Mairas, Anas e Marinas
Paolas, Marianes e Karinas

Com suas belas tatuagens
Ainda ficam mais lindas nas suas maquiagens
As nossas lindas ciganas
Que são Paulistas, Cariocas, Mineiras e Baianas

São mocas que estudam e são preparadas
Para cuidar das belas cabeças privilegiadas
Aqui neste belo céu de anil
Formam as Psicós, mais lindas do Brasil.

CHAMADO "BOCA BIXOS" :

Mais um BOCA temático pra vc!

Patrícia Rabaça (03)

Olá queridos calouros, aqueles que tornam nossa vidas mais alegres, aqueles que trazem a novidade...

Antes que vcs se misturem nessa farinha, comecem a ter crises asmáticas ou existenciais, lhes darei minha primeira dica:

- **DESISTAM ENQUANTO É TEMPO.** Vá dar uma voltinha na POLI, na FEA ou até na ECA e veja o quanto lá é mais divertido, mais saudável, mais real.

Mas, caso esteja convicto em sua escolha (péssima escolha!) aí vão alguns alertas e facilitadores para sua estada nessa jornada alucinógena:

1- Temos aqui muitas festas, Happy Hours e Saraus, todo ano tem também uma festa a fantasia. Quanto aos Happy Hours a banda sempre é ÓTIMA então lhes recomendo que fiquem para dançar, porém, o resto da festa pode te parecer super careta e você pode ficar super frustrado, recomendo então que procurem o **Mestre Zílio Zílio**, ele saberá te informar onde encontrar pessoas mais descoladas e festas mais agitadas, afinal, você sabe, a galera aqui é da psicologia, tem coisa mais reprimida? Os Saraus são vazios, ideal para agarrar um pretendente ou para verificar quem quer te agarrar... Além disso, se o **Mestre Baione** participar, com certeza fique, será divertido! Ele é um dos mestres cultos e criativos por aqui. Na festa a fantasia você terá a oportunidade de conhecer Mestres mais antigos e entender melhor o que se passa.

2- Fique com muita gente sim, a galera em sua maioria é legal e bonita apesar de nossas repressões mas, atente ao MAS, escolha MUITO bem para quem contar suas intimidades, um tempo depois você pode despertar o lado sádico dessa

pessoa e, se elas conhecerem seu ponto fraco, sua vida vai se tornar um inferno. Lembre-se: É uma faculdade burguesa, não existe curso noturno, você não poderá mudar de período, o que significa que você esbarrará com os sádicos de segunda à sexta das 8h às 18h !!!

Nesse caso aconselho que procurem o **Mestre Marcelinho**, ele já estudou aqui e se especializou na técnica do "Foda-se", procurem-no, ele terá o maior prazer em iniciar você! Caso você siga uma postura mais oriental, tenha ainda problemas com a agressividade, seja um pouco masoquista mesmo, o mais adequado é procurar o **Mestre Markito**, também conhecido agora como PP. Ele te iniciará na Via de Ganesha... hihi!

3- Eu já tenho um Mestre particular, o **Mestre Luciano**, caso eu vá com a sua cara, posso apresentá-lo pra você.

4- Quando você já estiver de saco cheio dessa palhaçada toda e resolver que chegou a hora de estudar e que, afinal de contas você veio aqui para se formar, procurem o **Mestre Domenico**, mais conhecido como **Mestre Domeck**. Ele é ótimo em auxílios bolsa, bastante inteligente e, apesar do nome lembrar um italiano, ele é Koreano, o que o torna ainda mais legal!

5- Você pode nessa hora querer entrar para o C. A. ou para Atlético, os dois são o máximo e, entrar em um não significa que você não possa entrar em outro. Você também pode entrar para a Comissão Organizadora do BOCA! Nessa hora te darei meu MELHOR CONSELHO (fora o de se mudar para POLI, FEA ou ECA): Procure o **Mestre Jonas** ou o **Mestre Israel**, também pode me procurar ou aos mestres mirins, hehe, GUI,

POÉTICA

autor: (Manuel Bandeira)

enviado por Patrícia Rabaça (03)

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público
com livro de ponto expediente
[protocolo e manifestações de
apreço ao sr. diretor.

Estou farto do lirismo que pára e
vai averiguar no dicionário o
[cunho vernáculo de um vocábulo
Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os
barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as
sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os
inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilitico
De todo lirismo que capitula ao
que quer que seja fora de si
mesmo.

De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-
senos secretário do amante
[exemplar com cem modelos de
cartas e as diferentes maneiras de
[agradar às mulheres etc.

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbados
O lirismo difícil e pungente dos
bêbados
O lirismo dos clowns de
Shakespeare

- Não quero mais saber do lirismo
que não é libertação.

Perguntas...

Guilherme (98)

Qual é a história da educação no Brasil? Como chegamos ao ponto em que estamos? Quais são as forças atuantes no campo da educação?

Qual é a educação oferecida para a elite, para os que têm dinheiro e poder? Qual é a educação que resta aos pobres?

Qual a perspectiva de formação escolar e de vida de um jovem pobre no Brasil?

Qual a perspectiva de formação escolar e de vida de um jovem negro no Brasil?

Quem são os que conseguem ser selecionados pelo vestibular da FUVEST? Quantos destes são negros? Quantos são pobres? Quantos trabalham?

A universidade deve adotar cotas para negros ou para estudantes de escola pública? De onde vem a reivindicação por cotas?

O ensino médio serve como preparação para os vestibulares? Ou como preparação para os cursinhos?

Que cidadão é formado ao final do ensino básico? E do superior? E na escola pública? E na particular?

Como as políticas públicas de educação atuam para a queda da desigualdade social? E para o crescimento da desigualdade social?

O que a universidade pública faz diante da desigualdade?

Qual é a concepção de educação disseminada e praticada pela universidade?

O que um jovem universitário visa com seu curso? Inserir-se no mercado de trabalho, aplicando seu conhecimento na lucratividade do setor privado? Ou direcionar sua formação para pensar e agir numa sociedade repleta de desigualdades?

Como são formados os professores no Brasil?

Quais são as iniciativas do poder público, da sociedade civil, dos movimentos sociais e do movimento estudantil diante do quadro educacional? Educação é um direito de todos ou um privilégio de poucos?

(continua)

MÃE

João Rodrigo I. Matsumoto (03)

Nasci com uma característica própria: um choro estridente,

Aos berros esperneava dentro do meu bercinho,

MÃE, doçura de uma rosa vermelha, preocupação latente

Em me proporcionar completa atenção, o máximo carinho.

Na minha infância, imergi em uma carência afetiva, em um mórbido estado de solidão, MÃE, você confortou-me no calor do seu peito, me acalmou ao me acariciar,

Com suas delicadas mãos a minha face, transferindo a pureza de sua emoção, Sempre irradiando seu brilho incessante e inebriante, uma característica particular.

Na minha adolescência rebelde, nos meus atos de indisciplina,

Na minha fase introspectiva, repleta de reflexões, da busca de significações, MÃE, você esbanjou sua bondade não empregando punições de rotina,

Optou por conversas francas, me aliviou, ao minimizar o peso das minhas obrigações.

Na juventude, em momentos críticos da vida perdi a esperança,

Não esbanjava mais a fé, a crença numa possível salvação,

MÃE, sua sensibilidade através de suas lágrimas, me conscientizou sobre a dança Da existência: suportar a derrota e aprender a conviver com a frustração.

Ao tornar-me um grande homem, jamais infringi as vigentes normas sociais, Cumpri a risca os deveres, no máximo, exigi meus direitos de cidadão,

MÃE, paciente por excelência, apresentou-me os valores morais, Distanciou-me das condutas que colocasse em risco a população.

Tenho trilhado um florido caminho marcado pelo sucesso,

Repleto de realizações, o meu grande sonho concretizado,

MÃE, exemplo de perseverança e determinação, só você tem acesso As chaves mestras condutoras ao ténue amor idealizado.

Coexiste a mim, uma grande companheira, um grande amor,

Uma relação fiel, onde impera minha extrema dedicação,

MÃE, sapiência plena na difícil arte em estabelecer uma estável relação Amorosa, ensinou-me a amar, respeitar e tolerar, para evitar o dissabor.

Ao conviver com a minha velhice, presencio o tempo voar,

MÃE, você já não esta mais de corpo presente,

Falta um pedaço de minha alma, queria te abraçar, beijar,

A lembrança do seu carismático sorriso é meu conforto remanescente.

Minha vida se exauriu, deixo por aqui o meu legado,

Rumo a um só destino, parto em uma luxuosa embarcação,

MÃE, liberto-me das amarguras, novamente vou me entregar desenfreado, Ao calor dos seus abraços, rever a ternura do amor, gozar do seu ilustre coração.

Sobre a amizade...

Janaina (05)

“Amizade é mais que afinidade e envolve mais que afeição. As exigências da amizade - franqueza, sinceridade, aceitar com a mesma seriedade as críticas e os elogios do amigo, lealdade incondicional e auxílio a ponto do sacrifício - são estímulos poderosos para o amadurecimento moral e o enobrecimento.

Amizade genuína requer tempo, esforço e trabalho para ser mantida. A amizade é algo profundo. De fato, é uma forma de amor.”

(O Livro das Virtudes - William J. Bennet)

Bossi (Funcionário Bloco F)

Inst. de Psicologia, oito e meia
Começa o desfile de Sereias
São meninas de todas as idades
Vindas de todos os cantos da cidade

Há musas negras, brancas e morenas
Tem gatas altas, médias e pequenas
Com seus trajes opacos e brilhante
Se tornam ainda mais elegante

Elas são Fernandas, Tánias e Leticias
Clarisses, Sheilas e Patrícias
Mairas, Anas e Marinas
Paolas, Marianes e Karinas

Com suas belas tatuagens
Ainda ficam mais lindas nas suas maquiagens
As nossas lindas ciganas
Que são Paulistas, Cariocas, Mineiras e Baianas

São mocas que estudam e são preparadas
Para cuidar das belas cabeças privilegiadas
Aqui neste belo céu de anil
Formam as Psicós, mais lindas do Brasil.